



## Um poema de Edimilson de Almeida Pereira<sup>1</sup>

Paulo Henriques Britto<sup>1</sup>

**Resumo:** Exercício de leitura de poema de Edimilson de Almeida Pereira sem referência ao livro em que foi publicado nem no contexto maior da obra do poeta, abordando todos os níveis do texto: mancha gráfica, aspectos fonológicos, sintáticos, lexicais e semânticos.

**Palavras-chave:** poesia brasileira contemporânea, Edimilson de Almeida Pereira

**Abstract:** *A reading of a poem by Edimilson de Almeida Pereira uninformed by any reference to the book in which the poem appeared or to the larger context of the poet's body of work, considering the text on all its levels: graphic, phonological, syntactic, lexical and semantic.*

**Keywords:** *contemporary Brazilian poetry, Edimilson de Almeida Pereira*

---

<sup>1</sup> O autor gostaria de agradecer aos alunos de sua turma de Estudos da Poesia do primeiro semestre de 2013, no programa de pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio, bem como a André Capilé, os inúmeros comentários, sugestões e indicações de leitura que me foram úteis na preparação do presente artigo.

## DIA DE FESTA

*A Maria Alice de Melo*

Com sobrenome dia de festa  
a mulher mora no cóccix da  
máquina de escrever morte.

A mulher mora no cóccix da  
máquina de escrever inverno.  
Com sobrenome dia de festa

a mulher resolve o dilema da  
máquina de escrever isto ou  
aquilo remédio impaciência.

Um céu propício lá fora e a  
mulher insiste na máquina de  
escrever como se fiação fosse.

Isso aquilo luminária e sorte  
são variações da mulher no  
cóccix da máquina do mundo.

Na sucinta e certa apresentação que faz de *Casa da palavra*, terceiro volume da obra poética reunida de Edimilson de Almeida Pereira, Ricardo Aleixo identifica como uma das características básicas da poesia desse autor “a ‘estranheza’ da organização frásica”, em que predomina “a distorção sintática” (ALEIXO, 2003, p. 15). Trata-se de uma boa chave para permitir o acesso a um poeta cuja obra à primeira leitura, ao mesmo tempo que nos fascina, muitas vezes nos desconcerta, por sua opacidade às vezes extrema, porém revela-se perfeitamente inteligível quando a abordamos com insistência e perspicácia.

Podemos iniciar nossa aproximação a “Dia de festa” examinando a mancha gráfica do poema. O que mais chama a atenção de imediato é a regularidade visual: cinco tercetos em que todos os versos têm mais ou menos o mesmo comprimento. Uma escansão do poema revelará, porém, que no plano de métrica essa regularidade não se reproduz:<sup>2</sup>

Com sobrenome dia de festa	--- / - / - - / [-]	4-6-9
a mulher mora no cóccix da	-- / \ - - / - -	3-(4)-7
máquina de escrever morte.	/ - - \ - \ / -	1-(4)-(6)-7

<sup>2</sup> Na tabela que se segue, representamos na segunda coluna os acentos primários, os acentos secundários e as sílabas átonas pelos símbolos /, \ e – respectivamente; o traço vertical duplo || assinala uma pausa, e [-] significa que a sílaba átona em questão se funde com a primeira sílaba átona do verso seguinte. Na terceira coluna, os números indicam as sílabas acentuadas, estando entre parênteses os que designam as que recebem acento secundário.

A mulher mora no cóccix da máquina de escrever inverno. Com sobrenome dia de festa	--/\--/-- /--\--/--   ---/-/---/[-]	3-(4)-7 1-(4)-(6)-8 4-6-9
a mulher resolve o dilema da máquina de escrever isto ou aquilo remédio impaciência.	--/-/--/-- /--\--\[-] -/-  -/-  ---/-	3-5-8 1-(4)-(6)-7 2-5-9
Um céu propício lá fora e a mulher insiste na máquina de escrever como se fiação fosse.	-/-/-\  - -/-/--/---[-] \-/\ /---\--/\-	2-4-(6)-7 2-4-7 (1)-3-4-(7)-8-9-(10)
Isso aquilo luminária e sorte são variações da mulher no cóccix da máquina do mundo.	/-/-  --/-/-   --\--/---/- /---/---/-	1-3-7-9 (3)-5-8 1-4-8

O número de sílabas por verso vai de 7 (por exemplo, A<sub>2</sub>)<sup>3</sup> a 10 (D<sub>3</sub>); não há um contrato métrico definido. Esse fato, somado à ausência de núcleos métricos regulares e à presença de enjambements violentos, como em A<sub>2-3</sub> e D<sub>1-2</sub>, nos levam a suspeitar que o comprimento do verso como elemento visual pese mais do que a contagem de sílabas como critério para determinar o corte ao final de cada verso.

Assim, os recursos da métrica não parecem ser os fatores responsáveis pelo ritmo marcado do poema, que percebemos claramente quando o lemos em voz alta. Na tentativa de identificar a origem desse ritmo, continuemos a investigar o nível do significante. Façamos um levantamento dos efeitos vocálicos e consonantais:

Com sobrenome dia de festa  
a mulher mora no cóccix da  
máquina de escrever morte.

A mulher mora no cóccix da  
máquina de escrever inverno.  
Com sobrenome dia de festa

a mulher resolve o dilema da  
máquina de escrever isto ou  
aquilo remédio impaciência.

Um céu propício lá fora e a  
mulher insiste na máquina de  
escrever como se fiação fosse.

Isso aquilo luminária e sorte

<sup>3</sup>Utilizamos as seguintes convenções: a letra maiúscula designa a estrofe do poema; o número que a segue, a posição do verso dentro da estrofe.

são variações da mulher no  
coccix da máquina do mundo.

O que mais se destaca na esfera das aliterações e das assonâncias é a insistência no fonema /m/, que se deve em particular à iteração das palavras “mulher” e “máquina”, presentes em todas as estrofes — uma vez por estrofe cada uma. Mas as repetições não são apenas de palavras, que muitas vezes reaparecem por fazerem parte de sintagmas reiterados. Assinalemos, pois, as palavras e sintagmas repetidos ao longo do poema:

Com sobrenome dia de festa  
a mulher mora no coccix da  
máquina de escrever morte.

A mulher mora no coccix da  
máquina de escrever inverno.  
Com sobrenome dia de festa

a mulher resolve o dilema da  
máquina de escrever isto ou  
aquilo remédio impaciência.

Um céu propício lá fora e a  
mulher insiste na máquina de  
escrever como se fiação fosse.

Isso aquilo luminária e sorte  
são variações da mulher no  
coccix da máquina do mundo.

Agora parece claro que o mecanismo central no estabelecimento do ritmo do poema é a reiteração de palavras e sintagmas. Porém focalizemos nossa atenção agora nos elementos que *não* se repetem. Todos os sintagmas que integram a primeira estrofe reaparecem ao menos uma vez no decorrer do poema, com exceção da palavra “morte”; na segunda estrofe, o único termo que não se repete é “inverno”. Este fato nos leva naturalmente a associar essas duas palavras a algumas das outras que também não se repetem e que também aparecem em posição de final de verso: em particular, na estrofe E, “sorte” — que rima com “morte” — e “mundo” — em que reaparece a consoante inicial de “morte”. Deixando de lado por um momento “inverno”, temos que *morte* pode ser decomposta em *m-* (proveniente de *mundo*) e *-orte* (de *sorte*).

Passemos a examinar o aspecto semântico do poema. Começemos com os dois elementos que se oferecem antes que o poema propriamente dito tenha início: o título e a dedicatória. A expressão “dia de festa” evoca a ideia de comemoração; quanto à dedicatória, de saída ela nada diz a um leitor que (como eu) não sabe quem é a pessoa cujo nome é citado, e que ignora por completo as circunstâncias em que o poema foi concebido, escrito e publicado. A expressão “sobrenome dia de festa” em A1 põe na berlinda outra vez o título e a dedicatória (o nome), levando-nos a pensar que a celebração proposta pelo poema talvez seja uma homenagem à pessoa nomeada. Quem é ela? Os versos A2-3 parecem indicar que Maria Alice de Melo é a mulher que “mora no cóccix da / máquina de escrever morte”. Não é difícil reordenar esse material semântico quando lembramos o conceito de “distorção sintática” mencionado por Ricardo Aleixo. Se entendermos que Maria Alice é uma escritora, uma pessoa que passa a maior parte do tempo (ou seja, “mora”) diante da máquina de escrever, compreende-se a menção ao cóccix, sobre o qual repousa o peso do corpo de quem está sentado numa cadeira; o cóccix é da mulher escritora, e não da máquina de escrever. O que o deslocamento sintático talvez indique é que mulher e máquina de escrever formam como que um único ser; daí ser possível atribuir o cóccix à máquina e não à mulher. A palavra “morte”, porém, permanece opaca por ora. Voltaremos a ela mais adiante.

Antes de prosseguir na análise semântica, voltemos à forma. Como se sabe, o poema é precisamente a espécie de texto em que forma e sentido estão ligados de modo mais visceral, e portanto é de se esperar que sejamos obrigados a passar de um plano para o outro ao longo de nossa análise. Olhemos novamente para as repetições de palavras e sintagmas. Se o poema é uma celebração de uma escritora, o que nos diz a forma geral — a própria mancha do poema no papel e a repetição obsessiva de expressões, com mudanças graduais, como por exemplo “máquina de escrever morte” virando “máquina de escrever inverno” e depois “máquina do mundo”? O que isso evoca? Não será o próprio ofício de escritor, sempre a reescrever o mesmo trecho, burilando a frase, alterando a ordem das palavras, substituindo uma por outra? Mais ainda: o que evocam essas linhas todas mais ou menos do mesmo comprimento, em que após um certo número de caracteres volta-se à posição inicial junto à margem esquerda do papel, senão o trabalho de utilizar a máquina de escrever, esse instrumento hoje obsoleto, mencionado em A3 e repetido em todas as estrofes (com exceção da última, em que é transformado em “máquina do mundo”), que obrigava o escritor a empurrar o carro para a posição inicial ao chegar ao final de cada linha?

Retornemos ao plano semântico. Três parágrafos acima, começamos a fazer um levantamento das palavras e expressões que não se repetem no poema, mas interrompemos essa tarefa após nos determos na tríade “morte”–“sorte”–“mundo”. Há outros sintagmas que ficam de fora: na estrofe B, o já mencionado “inverno”, que se coloca em posição análoga aos membros da tríade que acabamos de mencionar; em C, “resolve o dilema da” e “remédio impaciência”; por fim, em D e E temos muito material lexical não utilizado antes, além da repetição modificada de “isto ou aquilo” de C, que reaparece em E convertido em “isso aquilo”. Ora, o fato de que as últimas estrofes são aquelas em que há menos repetições parece reforçar a hipótese esboçada no parágrafo anterior: se o poema é uma celebração da escrita literária que imita em sua própria forma o processo dessa escrita, é de se esperar que, à medida que o poema avança, as repetições rareiem e coisas novas comecem a surgir: a escritora vence seus impasses iniciais, graças à sua insistência, e aos poucos dá forma a seu texto. Também faz sentido que a disjunção “isto ou aquilo”, que aponta para as diferentes alternativas sendo experimentadas pela escritora no processo de criação, quando ainda não chegou ao produto final (daí o uso de “isto”, pronome catafórico), termine dando lugar à conjunção “isso aquilo”, quando a obra está pronta (“isso”, pronome anafórico). Após o início espinhoso e repetitivo (estrofes A e B), marcado por palavras de sentido negativo como “morte” e “inverno”, passamos por uma etapa (C) em que a escritora “resolve o dilema” e encontra um “remédio”, mas ainda sente “impaciência”. Em (D) a situação está ainda mais positiva, pois surge um “céu propício lá fora”, mas a escritora ainda “insiste”, tecendo palavras como quem confecciona um tecido. Por fim, na última variação (E), as palavras “luminária” e “sorte” — a primeira, uma variante “cá dentro” (dentro do escritório onde trabalha a escritora) do “céu propício lá fora”; a segunda, uma transformação de “morte” — apontam para o triunfo final, em que a máquina de escrever-máquina de fiar se transforma na máquina do mundo de Camões e Drummond. Está concluída a obra da escritora sendo celebrada, no momento em que chega ao fim este esplêndido poema de Edimilson de Almeida Pereira.

### **Referências Bibliográficas:**

ALEIXO, Ricardo. “Às portas da casa da palavra”. In PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Casa da palavra: obra poética 3*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. "Dia de festa". In *Zeosório blues: obra poética 1*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

---

<sup>1</sup> Professor associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); phbritto@hotmail.com